

CORREIO CULTURAL

MOARA SEMEGHINI



Carlos Bassan/Prefeitura de Campinas

Festa da Paróquia de Santo Antônio ocorre das 18h às 23h

Festa Julina: Paróquia Santo Antônio

As festas julinas seguem movimentando diferentes regiões de Campinas com uma programação que reúne tradição, música, comidas típicas e atrações para toda a família. Organizadas por paróquias, entidades e associações de moradores, as quermesses e arraiais fortalecem a cultura popular, incentivam a convivência entre moradores e impulsionam a economia local e o turismo de proximidade.

A agenda se estende ao longo de julho, com opções gratuitas ou de entrada solidária. Entre os destaques está a festa julina da Paróquia de Santo Antônio, na região da Ponte Preta, que será realizada de sexta-feira (24) a domingo (26), das 18h às 23h, na Rua Cacilda Navarro Sampaio, 111, no Parque Família. Durante o evento, a Emdec realizará uma operação especial de trânsito na região.

Sinfônica traz Brahms

A Sinfônica apresenta o concerto “Ecos do Romantismo” nos dias 7 e 8 de agosto, às 20h, na Sala de Espetáculos Luís Otávio Burnier. Sob regência do maestro Ricardo Bologna e com participação da violinista Elisa Fukuda, o programa reúne “Toada à Moda Paulista”, de Camargo Guarnieri, o Concerto para Violino, de Mendelssohn, e a Sinfonia nº 2, de Brahms. Ingressos estão à venda pela Astro Ingressos. Repertório destaca a riqueza da música do período romântico, com obras de compositores brasileiros e europeus.

Bateria Campineira

O Parque Taquaral recebe domingo (26), às 9h, um ensaio aberto da Bateria Campineira. Com mais de 200 ritmistas, o grupo fará uma apresentação gratuita sob o pontilhão próximo à Lagoa do Taquaral, reunindo música, cultura popular e integração com o público.

Sussurros da Terra

O espetáculo de dança Sussurros da Terra, do Coletivo Efêmeras (Unicamp/Campinas), será apresentado gratuitamente neste fim de semana em Campinas. No sábado (25), às 16h, no Parque Luciano do Valle, e no domingo (26), às 16h, na Pedreira do Chapadão.

Livro TDAH Invisível em Mulheres

Ao longo da obra “TDAH Invisível em Mulheres”, Shanna Pearson destaca que o transtorno costuma ser subdiagnosticado em mulheres. A autora explica como sintomas como hiperatividade interna, sobrecarga emocional e ciclos de exaustão acabam sendo negligenciados e reúne estratégias práticas para lidar com foco, procrastinação, organização e tomada de decisão.



Cultrix/Divulgação



Renato Nascimento/Divulgação

Entre a memória de Elis e a cura: Maria Rita traz “Redescobrir Vol. 2” a Campinas

“Colo da minha mãe”: Maria Rita traz show de reencontro e cura

Cantora traz o show ‘Redescobrir Vol. 2’ ao Royal Palm Hall, em Campinas, no dia 25 de julho

Por Moara Semeghini

Vencedora de oito prêmios Grammy Latino e consagrada como uma das vozes mais potentes e emblemáticas da MPB, Maria Rita estará em Campinas sábado (25), no Royal Palm Hall, trazendo a sonoridade afetiva e marcante dos clássicos da música brasileira com a turnê “Redescobrir Vol. 2”.

A cantora divide o palco com o filho Antonio e transforma o espetáculo em algo além da homenagem prestada em “Redescobrir” de 2012: um reencontro visceral consigo mesma e de uma busca pelo colo materno de quem a entenderia por completo como mulher, mãe, artista e ser atravessado por luzes, sombras e inseguranças. O Correio da Manhã conversou com a cantora sobre este momento de cura e acolhimento. Os ingressos estão à venda pela Ticketmaster e na Academia Taquaral With Fit.

Correio da Manhã - Como está sendo dividir o palco com o Antonio?

Maria Rita - Gente... Ninguém me preparou pra emoção que é dividir o palco com um filho, não. Eu finjo que não tô vendo pra não perder a linha e apertar bochecha, amassar, querer exibir, mas a vontade que dá é de fazer tudo isso! É um privilégio imenso fazer parte dessa história dele, de tê-lo comigo nesse momento da minha vida, como um homem e não apenas como meu filho. Como um profissional dedicado, ansioso, estudioso, feliz. De escrever aqui, tô com nó na garganta e meus olhos enchem d’água. Eu tenho muito orgulho dele, da cabeça



Renato Nascimento/Divulgação

A cantora Maria Rita

dele, da alma dele. E ele ainda vai me dar muito mais orgulho e alegrias nessa vida...

CM - Sua turnê fala muito sobre a busca por pela presença familiar; ter seu filho do seu lado muda a dinâmica da sua entrega e da sua segurança no palco?

MR - Boa pergunta... Não muda em nada na entrega, não. Mas, na segurança, talvez. Agora que você perguntou, tô percebendo que me pego um pouco “dividida”, quase como se eu tivesse que ser mais para ele e por causa dele, em cima do palco. Uma mãe que está sempre pronta pra proteger um filho. Estamos cercados de profissionais imensamente talentosos e generosos, que acolheram meu menino como um mascote e já o tratam como um deles. No entanto, tem uma beleza ímpar num filho presenciar as emoções à flor da pele da mãe, como é o caso nesse show... E eu acabo que me pego atenta a isso também.

CM - Em 2012, o Redescobrir foi uma homenagem direta à Elis. Hoje, o Vol. 2 é um reencontro com você mesma?

É exatamente isso. O Vol. 2 sou

eu buscando o colo da minha mãe, que, sinto, seria a única pessoa que me entenderia neste momento — por ser mulher, mãe, artista, muito inteligente, muito insegura, cheia de conflitos, belezas, luz e sombras. Não são as mesmas músicas, ali era para a mãe, hoje é para mim através dela... A questão do lugar de cura que você menciona é que é o lance... Não sei ainda se esse show vai me curar, mas, ao menos, eu sinto que estou num colo, e não mais vagando solta sem entender certas coisas.

CM - E essa visão de um palco branco com você vestida de vermelho no centro?

MR - Foi uma imagem que, posteriormente, eu interpretei como um coração pulsando... Esse show é absolutamente sobre não ser forte o tempo todo. Eu até acho que meu público mais próximo não me veja dessa maneira, “forte o tempo todo”, dada minha entrega com choros e gritos e pulos e corridas no palco (risos). A questão é quando eu não estou no palco. As dores e sombras e trapaças e mentiras e traições que ninguém imagina que eu passo. E não tem que imaginar mesmo, não. Meu trabalho é estar linda e incrível pro meu público. Mas essa “preservação” do público, de minha parte, foi um dos motivos dessa minha exaustão violenta. Eu não gosto de compartilhar minhas coisas de forma direta com eles. É pra isso que eu canto o que eu canto da maneira que eu canto, entende? E eles, o público, transformam as minhas palavras cantadas em trilha sonora da vida deles. O acordo é esse. Meu ofício. Mas eu não segurei, e ainda estou reaprendendo a viver com novos limites, novos “nãos”.